

REENCONTRO
literatura

José de Alencar

Iracema

Adaptação de

Renata Pallottini

Ilustrações de

Maria Eliana Delarissa



editora scipione

Edição
Sâmia Rios

Assistência editorial
José Paulo Brait

Revisão
Ana Curci, Claudia Virgílio, Nair Hitomi Kayo,
Roberta Vaiano e Viviane Teixeira Mendes

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Diagramação
Ana Lucia C. Del Vecchio
Elen Coppini Camioto



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP
CEP 05425-902

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.aticascipione.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

2017
ISBN 978-85-262-8156-1 – AL
Cód. do livro CL: 737782
CAE: 262268
2.ª EDIÇÃO
4.ª impressão
Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Pallottini, Renata

Iracema / José de Alencar; adaptação de Renata Pallottini; ilustrações de Maria Eliana Delarissa. – São Paulo: Scipione, 2002. (Série reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Alencar, José de, 1829-1877. II. Delarissa, Maria Eliana. III. Título. IV. Série.

02-5437

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi José de Alencar?</i>	5
Capítulo I	7
Capítulo II	9
Capítulo III	11
Capítulo IV	13
Capítulo V	15
Capítulo VI	16
Capítulo VII	18
Capítulo VIII	19
Capítulo IX	21
Capítulo X	23
Capítulo XI	25
Capítulo XII	27
Capítulo XIII	30
Capítulo XIV	32
Capítulo XV	34
Capítulo XVI	35
Capítulo XVII	37
Capítulo XVIII	40
Capítulo XIX	41
Capítulo XX	43
Capítulo XXI	45
Capítulo XXII	47
Capítulo XXIII	49
Capítulo XXIV	50
Capítulo XXV	52
Capítulo XXVI	54
Capítulo XXVII	56
Capítulo XXVIII	57
Capítulo XXIX	58
Capítulo XXX	60
Capítulo XXXI	62
Capítulo XXXII	63
Capítulo XXXIII	65
<i>Quem é Renata Pallottini?</i>	68

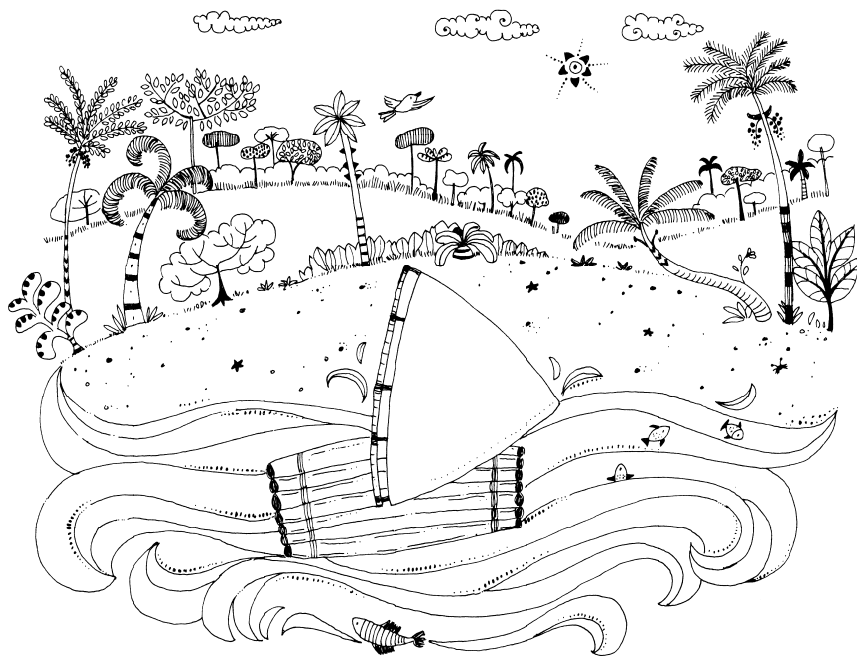
QUEM FOI JOSÉ DE ALENCAR?

José Martiniano de Alencar nasceu em 1829, em Mecejana, Ceará. Filho de político influente, mudou com seus pais para o Rio de Janeiro em 1838. Fez o curso de direito, que iniciou e concluiu na Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, com passagens pela Faculdade de Olinda, Pernambuco. Começou no jornalismo em 1854 e, dois anos depois, estreava na ficção com o romance *Cinco minutos*.

Em 1857, lançou em livro sua obra mais importante, *O guarani*, anteriormente publicado em folhetim, como era de praxe para romances românticos naquela época. Foi ainda nessa ocasião que começou a escrever e ter representadas suas peças de teatro, das quais a mais conhecida é *O demônio familiar*, obra curiosa que trata de alguns dos problemas relacionados com a escravidão negra, assunto também de *Mãe*, outra peça de êxito. Estava agora maduro para a literatura e para a política, tendo sido eleito deputado em 1861.

Os anos seguintes foram de sucesso crescente como escritor. Abandonou a política, que o tinha decepcionado, e se dedicou cada vez mais aos trabalhos literários. *Iracema*, um clássico da prosa indianista, foi publicado em 1865. Seus últimos romances, *Senhora* e *O sertanejo*, dez anos depois.

Morreu no Rio de Janeiro em 1877, já considerado um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.



|

Aonde vai a afoita jangada, que deixa, rápida, a costa cearense, tendo a grande vela aberta ao vento que vem da terra?

Aonde vai, como branco pássaro, buscando o rochedo de outra pátria nas solidões do oceano?

Três seres estão no frágil barco que vai singrando, veloz, mar afora. São eles um guerreiro branco, que não traz, dos seus antepassados, sangue americano; uma criança e um cão, que nasceram no berço das florestas e brincam como irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia na folhagem das palmeiras.

Verdes mares, que brilham como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, seguindo as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenem, verdes mares, e alisem docemente a onda impetuosa, para que o barco aventureiro resvale mansamente à flor das águas.

O vento intermitente traz da praia um eco que ressoa por entre o marulho das ondas. Choroso, ele diz:

– Iracema!

O moço, encostado ao mastro da jangada, tem os olhos presos na terra distante; às vezes, os seus olhos tristes se dirigem ao lugar onde o menino e seu cão, companheiros de infortúnio, brincam inocentemente.

Triste, ele sorri com amargura.

Qual é a sua história? Que deixara ele nas terras do exílio?

O vento cresce; as ondas aumentam, e o barco salta sobre elas, em direção ao horizonte.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas e te pouse em alguma enseada amiga. Soprem para ti brisas suaves, e a bonança adoce o mar para tua proteção!

Enquanto vogas assim, ao sabor do vento, airoso barco, voltemos ao caminho da saudade, para conhecer a tua história.



Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que as folhas da palmeira. O favo das abelhas não era tão doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como o seu hálito perfumado.

Mais rápida que as aves selvagens, Iracema corria o sertão e as matas férteis onde vivia sua tribo, a guerreira nação tabajara. O pé, descalço, roçava com delicadeza o capim verde que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, na hora do sol a pino, ela repousava em um claro da floresta, à sombra de uma árvore, mais fresca que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre deixavam cair flores sobre o seu cabelo úmido, enquanto, escondidos na folhagem, os pássaros suavizavam seus cantos.

Iracema saíra do banho; ainda se viam gotas de água do rio no seu corpo e sob as suas vestes; enquanto repousava, colocava em uma flecha penas vermelhas do guará e combinava o seu canto com o de um sabiá, pousado perto dela.

Um periquito da mata, seu companheiro e amigo, brincava por ali e, de vez em quando, do alto de um galho, chamava seu nome. Outras vezes, remexia no cesto em que ela guardava suas ervas perfumadas, os fios finos como os do linho, as agulhas de uma palmeira, de que ela se servia para tecer a renda, e os favos para a tinta com que matizava o algodão.

De repente, um rumor suspeito quebrou a doce harmonia da sesta; a moça ergueu os olhos e sua vista perturbou-se. Diante dela, e a contemplá-la, estava um guerreiro estranho, se é que era guerreiro e não um mau espírito da floresta. Tinha nas faces o branco das areias que bordeiam o mar; nos olhos,